

A INFLAÇÃO

A moeda possui três finalidades:

- serve como instrumento de troca, pois é universalmente aceita como um bem precioso;
- serve como padrão de referência, dando valor às mercadorias;
- e é usada como reserva de valor, pois pode ser economizada e guardada para necessidades futuras.

A **inflação** é um fenômeno econômico que faz com que a moeda se deteriore com o tempo, deixando de servir como padrão de referência e não podendo ser guardada como reserva.

O **cruzeiro** sobreviveu por longo tempo devido ao mecanismo chamado **correção monetária**, criado em 1964 pelo Governo brasileiro para proteger a moeda. Devido à **correção monetária** podia-se ir ao banco e abrir uma **poupança** em **cruzeiros**, pois esta poupança era corrigida regularmente, para que a sua deterioração fosse recomposta. Se tal não tivesse sido possível, o **cruzeiro** teria tido uma vida muito mais curta, pois teria sido recusado pelo povo, porque teria perdido as três finalidades referidas acima.

-Por que existe a **inflação**?

Temos aqui duas citações muito interessantes.

O Bispo de Lisieux, Nicholas Oresme, grande estudioso das questões econômicas, escreveu em 1377:

“É escandaloso para um príncipe permitir que o dinheiro de seu reino não tenha valor fixo, flutuando dia a dia (...) em consequência destas alterações as pessoas ficam freqüentemente sem saber quanto vale uma moeda de ouro ou de prata de forma que têm que discutir tanto sobre o dinheiro quanto sobre os salários, o que é contrário à natureza. E o que devia ser tido como certo se torna incerto e confuso. O total de ouro e prata de um reino decresce em consequência de tais alterações e reduções, e, apesar das precauções, são levados para lugares nos quais têm mais valor (...) assim a oferta do material para o dinheiro decresce nos lugares nos quais a desvalorização é praticada (...) em consequência destas alterações e reduções, as boas mercadorias deixam de vir dos países estrangeiros para os países nos quais sabem que o dinheiro é ruim”.¹

A outra citação interessantíssima é atribuída ao grande astrônomo que enunciou a teoria segundo a qual a terra gira em torno do sol, Nicolau Copérnico, que foi, também, um grande estudioso do dinheiro. Escreveu, em 1530:

“Por inúmeras que sejam as desgraças que habitualmente levam à decadência os reinados, principados e repúblicas, as quatro principais são, na minha opinião: as lutas, as pestes, a terra estéril e a deterioração do dinheiro.”²

Uma quebra de safra provoca um aumento de preços em uma série de produtos. Mas é um aumento sazonal, logo corrigido pela safra seguinte. Flutuação de preços não é **inflação**. O que caracteriza este fenômeno é a **deterioração** do dinheiro. É o **apodrecimento** da moeda, paulatino ou não.

Um século após o descobrimento da América o ouro e a prata deste continente provocaram enorme

¹Leo Huberman, op. cit., pp. 95-6.

²Leo Huberman, op. cit., p. 95.

inflação na Espanha. Este país encheu-se de riquezas: seus reis tanto emitiram quanto esbanjaram. O excesso de recursos em circulação provocou a inflação espanhola do século XVII.³

Quando há grande oferta de dinheiro em uma região, os preços sobem, configurando a inflação por excesso de demanda.

Antigamente a moeda era em ouro, em prata e em outros metais menos nobres. Os reis falsificavam o dinheiro diminuindo a porcentagem de metais nobres na cunhagem das peças: era a moeda falsa. O que estava escrito na peça metálica não chegava a corresponder a seu real valor. Mas, no mundo inteiro e em todos os tempos os povos têm percebido a falsidade da moeda logo após a sua emissão. Desta forma, quando há emissão de moeda sem lastro, automaticamente processa-se um aumento generalizado nos preços das mercadorias proporcional à falsidade estampada nas peças cunhadas, ou nos papéis emitidos, sejam estes cédulas de papel-moeda ou títulos. Nesta matéria, é impossível ao governo enganar o povo. O dinheiro não tolera falsidades. Na China, no século X, quando houve a primeira emissão de papel-moeda, em Szechuan, o governo usou e abusou das emissões causando a primeira experiência de grande inflação que se conhece.

Quando o papel-moeda apareceu na Europa, a partir de 1656, os bancos e governos criaram depósitos em ouro e prata que serviam de lastro às emissões. Isto quer dizer que o papel-moeda era garantido, sendo assegurado ao portador da cédula a faculdade de se dirigir a quem a emitiu e trocá-la pelo seu valor em ouro ou em prata. Estes metais serviram de **lastro** à moeda. Em 1873, a prata deixou de ser usada para esta finalidade e o **padrão-ouro** passou a vigorar de forma generalizada. Em 1971, o ex-presidente norte americano, Richard Nixon, aboliu o **padrão-ouro** em seu país, passando o dólar⁴ a ser lastreado em sua própria credibilidade.

“O dólar surgiu na Alemanha, em 1518- seu nome deriva de uma mina de prata da região da Boêmia- e foi adotado como moeda americana em 1875, com lastro na prata e no ouro (...) Até 1971, para cada maço de 35 dólares que emitia, o Governo americano era obrigado a ter uma onça de ouro em reservas⁵.”

Embora o ouro tenha caído em desuso para o lastreamento da moeda, o chamado **padrão-ouro**, muitos países ainda conservam reservas deste metal. Assim, o Banco Central do Brasil possui uma reserva em ouro e o Federal Reserve, dos Estados Unidos da América, possui uma enorme reserva deste metal, depositada em Fort Knox. No Irã, o lastreamento do rial ainda inclui, além do ouro, as jóias do ex-Império Persa que ficam depositadas no Banco Central. Situação curiosa é a da Comunidade Financeira Africana- CFA- formada por 14 países, independentes a partir da década de sessenta, e que utilizam como moeda o **Franco CFA**, que era garantido pela França, até janeiro de 1994, à razão de 50 FCFA para 1 FF: isto significa que estes países tinham a sua moeda lastreada no franco francês, sendo monitorados pelo ex-colonizador, que lhes garantia a estabilidade monetária e uma inflação de Primeiro Mundo.

Alguns países têm usado suas reservas monetárias internacionais para lastrear a moeda, o que tem sido chamado **padrão-dólar**, embora este lastreamento em **moeda forte** nem sempre seja feito na moeda americana⁶. Mas, atualmente, na maioria dos países, o lastro monetário é constituído pelas reservas internacionais, pela dimensão da economia destas nações (grandeza medida pela soma dos bens e serviços produzidos no país, e que recebe a denominação de PIB, **produto interno bruto**) e pela credibilidade de suas instituições.

³Leo Huberman, op. cit., pp. 109 e 110.

⁴Revista VEJA nº 1347, de 6 de julho de 1994, matéria "Busca de Identidade"

⁵ Revista VEJA nº 1347, de 6 de julho de 1994, matéria "Busca de Identidade"

⁶Alguns países que usaram ou estão usando o **padrão-dólar**: Argentina, Chile, Panamá, México, Estônia, Israel e o Brasil, com o Plano Real, a partir de 01/07/94.

Outra importante causa da inflação é o **inchamento** dos **meios de pagamento**, por meio da emissão de moeda ou da emissão de títulos.

Se a economia de uma nação cresce é natural que os **meios de pagamento** também cresçam na mesma proporção. Quando os governos **incham** os **meios de pagamento** além do crescimento normal da economia a moeda se deteriora. Este fenômeno aconteceu no Brasil de 1956 a 1994: neste período, o governo brasileiro emitiu moeda e lançou títulos com a finalidade de cobrir rombos orçamentários, muitas vezes frutos de descontrole, roubalheira e má administração. Houve enorme deterioração da moeda que correspondeu a brutal inflação de 146,219 bilhões por cento de 1980 a 1993.

Os **meios de pagamento**, de acordo com o conceito do Banco Central do Brasil, são formados por:

- M1**, moeda em circulação mais depósitos à vista;
- M2**, igual a **M1** mais depósitos a prazo fixo;
- M3** igual a **M2** mais depósitos de poupança;
- M4** igual a **M3** mais títulos da dívida federal.

No caso do Brasil, na época da grande inflação, o déficit público foi financiado mediante o lançamento de títulos de curto prazo, além de limites aceitáveis fazendo com que o **perfil da dívida**, e o seu montante, tenham sido a causa principal da inflação brasileira. Devido à instabilidade política, não havia, no Brasil, a credibilidade necessária para o lançamento de títulos governamentais de longo prazo, como nos Estados Unidos e na Europa, onde estes papéis são até de trinta anos. A revista VEJA, de 5/5/93, "Queda-de-Braço de Itamar no BC", informa que os títulos da dívida representavam 40 bilhões de dólares, nesta data, com vencimento até 15 meses, pagando juros de 16 a 30 % ao ano. Quatrocentos bancos e corretoras participavam da rolagem desta dívida, com o dinheiro de milhões de poupadores: era a dívida interna.

Segundo VEJA nº 1303, de 01/9/93, na matéria "Ouro de Tolo", o déficit do setor público, em 1993, seria de 31,5 bilhões de dólares, e seria financiado por meio do lançamento de títulos públicos no mercado interno, alimentando a inflação.

Em 1991, o orçamento anual do governo federal brasileiro, no momento de sua aprovação, representava 200 bilhões de dólares. (Não usamos o valor em cruzeiros porque esta moeda não servia como padrão de referência). Destes 200, cerca de 193 bilhões já estavam comprometidos com despesas obrigatórias, sobrando apenas 7 bilhões para investimentos. A dívida interna federal era de 90 bilhões e a dívida externa da ordem de 110 bilhões de dólares. Como o governo não tinha como resgatar esta dívida ele tomava emprestado do sistema bancário, pagando juros altíssimos. Assim, todo o dinheiro aplicado nos bancos, como Fundões, CDB's etc, na realidade, estava emprestado ao governo que não tinha como resgatar esse débito. O governo rolava esta dívida emitindo mais títulos, gerando inflação.

A enorme inflação brasileira gerou, de 1980 a 1993, 54 mudanças na política de preços, 21 propostas de pagamento da dívida externa, 16 políticas salariais, 11 índices de preços, 9 planos de estabilização econômica, 5 congelamentos de preços e salários e quatro moedas diferentes. Neste mesmo período a inflação atingiu a fantástica soma de 146 219 946 300 % ⁷, ou seja 146,219 bilhões por cento; ou 622,514% por ano, ou 17,915% por mês.

²⁴Revista VEJA nº 1291, de 9 de junho de 1993, artigo "O Vampiro que Sangra o Brasil."

Moedas brasileiras a partir de 1942, geradas pela inflação:
CRUZEIRO, de 01/11/1942 a 12/02/1967
CRUZEIRO NOVO, 13/02/1967 a 14/05/1970
CRUZEIRO, de 15/05/1970 a 27/02/1986
CRUZADO, de 28/02/1986 a 15/01/1989
CRUZADO NOVO, de 16/01/1989 a 15/03/1990
CRUZEIRO, de 16/03/1990 a 31/07/1993
CRUZEIRO REAL, de 01/08/1993 a 30/06/1994
REAL, a partir de 30/06/1994

Seria necessário que o Banco Central do Brasil tivesse uma gerência profissional e independente, para que ficasse imune a politicagens e pudesse bem administrar a moeda, fazendo emissões em nível adequado. Seria necessário que a máquina governamental tivesse seriedade e fosse sóbria no trato do orçamento.

“Num modelo clássico, como o americano ou o alemão, o presidente do Banco Central tem autonomia para definir as taxas de juros e intervir no mercado de câmbio, em defesa da moeda, sem depender, por exemplo, de autorização do ministro da Economia. A inviolabilidade do seu mandato, por outro lado, permite a tomada de decisões importantes. (...) Uma diretoria eleita pelo Senado, com mandato assegurado constitucionalmente, estaria imune a qualquer pressão” (...) ⁸

A administração da moeda não pode estar sujeita a caprichos políticos, sob pena de nunca se chegar a ter uma moeda forte. O grande exemplo nos vem Velho Continente. Antes da existência do EURO, na Alemanha, o presidente do Bundesbank (Banco Central) não podia ser demitido pelo chefe da nação, nem trabalhava sob seu comando, razão pela qual o marco alemão chegou a ser a melhor moeda do planeta. Naquele país, costumava-se dizer: “nem todo alemão acredita em Deus...mas todos acreditam no *Bundesbank*”. ⁹

É necessário ser honesto: a emissão de moeda e títulos "frios" para tapar "rombos" no orçamento provoca a inflação, que é um assalto diário no bolso do assalariado, do pensionista e no caixa das organizações. O país fica desacreditado internacionalmente. Os investimentos externos fogem. A poupança interna vai para países mais estáveis. Como dizia Nicolas Oresme, “as boas mercadorias estrangeiras vão para os países nos quais o dinheiro é bom”. A população empobrece. Sofrido e roubado a cada minuto pela inflação, o povo passa à desonestidade, imitando a maneira de agir dos governantes. Se o Presidente da República emite moeda falsa?!...A corrupção se agiganta. A sonegação de impostos vira a regra. Por isto os economistas dizem que a **inflação corrói o tecido social**.

Copérnico compara a inflação à peste, à guerra e à deterioração do solo.

O mais significativo símbolo de uma nação é a sua moeda e, se esta não merece confiança, que podemos pensar das outras instituições?

Nos países desenvolvidos considera-se normal uma inflação anual de 2%, mais ou menos.

“Nos Estados Unidos, de 1925 a 1935, houve deflação, ou seja, os preços baixaram devido à grande crise econômica. De 1935 a 1994, tem havido uma consistente inflação. Assim, de janeiro de 1925 a junho de 1994, a inflação do dólar americano foi de 713 %, o que equivale a uma média anual de 3,1 %.” ¹⁰

⁸Revista VEJA nº 1291, de 9 de junho de 1993, artigo "O Vampiro que Sangra o Brasil."

⁹Revista TIME, de 28 de setembro de 1992: *not all the Germans believe in God, but all of them believe in the Bundesbank.*

¹⁰Revista EXAME nº 563, de 03/08/1994, Finanças.

E a inflação do REAL de 1994, data de sua criação, a dezembro de 2010 foi de 350%, ou seja, 9,544% por ano, o quê é ainda um absurdo.

Embora a moeda seja um conceito virtual, ela é o símbolo maior de um país. Se a moeda é forte e estável, as instituições deste país funcionam: a previdência, o judiciário, o legislativo, o executivo...Sob alta inflação o financiamento da casa própria desaparece, como aconteceu com o Banco Nacional da Habitação, extinto em 1986. O assalariado passa a ser roubado a cada dia pelo monstro inflacionário e a aposentadoria dos pensionistas é corroída gerando um empobrecimento assustador. A inflação é como a deterioração do solo, como a peste e a guerra. A **inflação corrói o tecido social**, fazendo com que as instituições não funcionem. A ética e a moral apodrecem.

São Francisco-MG, outubro de 2010.

Fidencio Maciel de Freitas.